

## METODOLOGIA QUALITATIVA: É POSSÍVEL ADEQUAR AS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS AOS CONTEXTOS VIVIDOS EM CAMPO?

[vivianesantospereira@yahoo.com.br](mailto:vivianesantospereira@yahoo.com.br)

*Apresentação Oral-Ciência, Pesquisa e Transferência de Tecnologia*  
ANNA CAROLINA SALGADO JARDIM; VIVIANE SANTOS PEREIRA.  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, LAVRAS - MG - BRASIL.

## METODOLOGIA QUALITATIVA: é possível adequar as técnicas de coleta de dados aos contextos vividos em campo?

**Grupo de Pesquisa: 10 - Ciência, Pesquisa e Transferência de Tecnologia.**

### Resumo

Este artigo apresenta uma discussão sobre métodos de pesquisa social e é fruto de um estudo realizada com os produtores rurais que moram nas proximidades da nascente do rio Grande, município de Bocaina de Minas/MG, donde se originou uma adaptação, durante o trabalho de campo, de uma técnica de coleta de dados – a “caminhada transversal”, que devido às contingências acabou se tornando “cavalgada transversal”. Propõe-se um debate a respeito das possíveis contribuições à metodologia de pesquisa qualitativa em Ciências Sociais quando, no momento em que o pesquisador está em campo, surgem imprevistos, a partir dos quais podem-se criar ou recriar técnicas adaptadas ao contexto vivenciado.

**Palavras-chave: abordagem interpretativa, metodologia qualitativa, técnicas de coleta de dados, caminhada/cavalgada transversal**

### Abstract

This article presents a discussion about social research methods. It is the result of a study carried out with farmers living near the Rio Grande spring, in the municipality of Bocaina de Minas/MG. During field work, an adaptation of a data collection technique was devised – the “transversal walk”, which due to the contingencies ended up as the “transversal cavalcade”. It is proposed a debate concerning the possible contributions to qualitative methodological research in social sciences when, during field work, unexpected situations occur from which techniques adapted to the present situation might be created or recreated.

**Key words: interpretative approach, qualitative methodology, data collection techniques, transversal walk/cavalcade.**

## 1. INTRODUÇÃO

Os trabalhos científicos/acadêmicos pressupõem a utilização da metodologia de pesquisa que delimita e dá sentido à forma como o pesquisador lança mão para investigar, conhecer, buscar os caminhos que o levarão a responder os seus objetivos.

Em Ciências Sociais a metodologia de pesquisa pode ser de natureza qualitativa e/ou quantitativa, dependendo do objetivo a que o pesquisador se propõe. Entretanto, o foco proposto nesse artigo se atém apenas à metodologia qualitativa, na medida em que a

pesquisa dessa natureza permite maior abertura para a reformulação do problema da pesquisa, das questões norteadoras, dos próprios métodos e técnicas de coleta e análise de dados durante o processo, assumindo conotações diferentes da pesquisa quantitativa. Assim, o processo metodológico qualitativo possibilita ao pesquisador descobertas até mesmo em termos dos próprios métodos e técnicas a serem utilizados.

Existem diferentes métodos para realizar pesquisas dessa natureza e sua escolha vai variar em função do que vai ser estudado, da realidade que se busca compreender, entre outros fatores que determinam essa escolha. Essa possibilidade de mudança no decorrer do processo, ou seja, no momento em que o pesquisador já está envolvido com a pesquisa, é fundamental, pois pode trazer inovações a partir da adequação que pode ser necessária quando se está vivenciando uma determinada prática em um dado contexto social.

A partir dessa constatação, questiona-se: quais as contribuições que a referida adequação à realidade vivida em campo pode trazer para as Ciências Sociais? Apesar das teorias sobre metodologia de pesquisa qualitativa estarem bastante consolidadas dentro do âmbito das Ciências Sociais, será que elas dão conta das situações que podem surgir no momento em que o pesquisador está realizando o trabalho de campo? Os métodos derivados da etnografia, hoje mais reconhecidos pelo sistema acadêmico são fortes aliados a flexibilidade na ação direta de campo, mas é permitido ao pesquisador criar sem romper com a legitimidade do processo de produção do conhecimento científico?

## **2. OBJETIVOS**

Pretende-se analisar as possíveis contribuições teóricas que as adequações de técnicas de coleta e análise de dados, bem como dos métodos utilizados em campo podem trazer para a metodologia de pesquisa qualitativa. Busca-se, ainda, identificar inovações que derivam dos imprevistos vivenciados em situações de trabalho de campo.

## **3. TEORIZANDO SOBRE METODOLOGIAS QUALITATIVAS**

### **3.1. A pesquisa em Ciências Sociais e suas peculiaridades**

O processo de pesquisa, entendido como processo de geração de conhecimento científico pode assumir peculiaridades nas ciências sociais, pois ao se considerar como objeto de estudo do cientista social os seres humanos nota-se a variabilidade do comportamento e dos estados subjetivos, isto é, pensamentos, sentimentos e atitudes.

De acordo com Neves (1996) a pesquisa social tem sido marcada por estudos que valorizam o emprego de métodos quantitativos para descrever e explicar fenômenos. Atualmente, porém, pode-se identificar outra forma de abordagem que tem se afirmado como promissora possibilidade de investigação: trata-se da abordagem interpretativa e qualitativa. Surgido inicialmente no selo da antropologia e da sociologia, nos últimos trinta anos esse tipo de pesquisa ganhou espaço em áreas como psicologia, educação e administração de empresas.

Esse autor comenta que, enquanto estudos quantitativos geralmente procuram seguir com rigor um plano previamente estabelecido (baseado em hipóteses claramente indicadas e variáveis que são objetos de definição operacional), a pesquisa interpretativa e qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente não emprega instrumental estatístico para

análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos.

A pesquisa em ciências sociais possui três correntes de pensamento contemporâneo com enfoques diferentes: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. Considerando-se que a pesquisa científica exige, entre outras características, a criatividade, a disciplina, a organização e a modéstia do pesquisador, deve-se levar em conta que ele lida sempre com confrontos. Nesse sentido, a pesquisa em Ciências Sociais deve, entre outras coisas, suscitar o debate entre a sociologia positivista e outros tipos, de acordo com Goldenberg (1999).

O Positivismo isola o fenômeno, identifica, mede, qualifica sem a sua significação e base teórica. De acordo com Triviños (1992), o positivismo teve predomínio incontestável até a década de 1970. O positivismo perdeu importância, pois a prática da investigação se transformou numa atividade mecânica, onde a busca por resultados essencialmente estatísticos amarrou o investigado ao dado, ao estabelecer “relações estatisticamente significativas entre os fenômenos”.

A visão do contexto/situação do marxismo é mais ampla no campo estudado, observando as relações. A tradição no emprego da análise marxista da realidade fundada na filosofia do materialismo histórico e da luta de classes, em nosso meio, e a complexidade do método dialético levantam sólidas barreiras diante dos pesquisadores.

Na base do estudo fenomenológico em que a realidade é imediata busca-se o significado e os pressupostos dos fenômenos. Para Triviños (1992), o enfoque fenomenológico na pesquisa em ciências sociais começou nos últimos anos da década de 1970, aumentando sua importância a medida que diminuía a tradição imperativa do positivismo.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão a partir de um grupo social, de uma organização etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores baseados em métodos qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos, nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa. (Goldenberg, 1999).

### **3.2. A pesquisa de natureza qualitativa: intervenção, método e técnicas**

Um fundamento teórico pesquisa do tipo qualitativa é a fenomenologia, que busca compreender o significado que os acontecimentos têm para pessoas comuns, em situações particulares, enfatizando-se a importância da interação simbólica e da cultura para a compreensão do todo. Bogdan & Bicklen (1994) ressaltam que Malinowski foi o primeiro antropólogo a enfatizar a importância de apreender o ponto de vista dos nativos, ou seja, das populações locais. Godoy (1995) aborda a pesquisa qualitativa de forma semelhante, enfatizando também a perspectiva integrada, em que o pesquisador vai a campo objetivando captar o fenômeno a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas.

Para Turato (2005), as pesquisas que utilizam o método qualitativo devem trabalhar com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Não tem qualquer utilidade na mensuração de fenômenos em grandes grupos, sendo basicamente úteis para

quem busca entender o contexto onde algum fenômeno ocorre. Em vez da medição, seu objetivo é conseguir um entendimento mais profundo e, se necessário, subjetivo do objeto de estudo, sem preocupar-se com medidas numéricas e análises estatísticas. Cabe-lhes, pois, adentrar na subjetividade dos fenômenos, voltando a pesquisa para grupos delimitados em extensão e território, porém possíveis de serem abrangidos intensamente.

Segundo Neves (1996), a pesquisa qualitativa assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas (entrevista não estruturada, entrevista semi-estruturada, observação participante, observação estruturada, grupo focal) que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados.

Flick, von Kardorff e Steinke (2000), apresentam quatro bases teóricas para pesquisa qualitativa: a) a realidade social é vista como construção e atribuição social de significados; b) a ênfase no caráter processual e na reflexão; c) as condições “*objetivas*” de vida tornam-se relevantes por meio de significados subjetivos; d) o caráter comunicativo da realidade social permite que o refazer do processo de construção das realidades sociais torne-se ponto de partida da pesquisa.

Mayring (2002), apresenta seis delineamentos da pesquisa qualitativa: estudo de caso, análise de documentos, pesquisa-ação, pesquisa de campo, experimento qualitativo e avaliação qualitativa. A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada por um *espectro de métodos e técnicas*, adaptados ao caso específico, ao invés de um método padronizado único. Ressaltam, assim, que o *método deve se adequar* ao objeto de estudo.

De forma complementar, Alencar (1999) ressalta que na pesquisa qualitativa, o pesquisador inicia o trabalho de campo com pressuposições sobre o problema da pesquisa, originadas do paradigma teórico que orienta o estudo. Tais pressuposições guiam a coleta inicial de informações obtidas por observações, anotadas no caderno de campo e gravadas em fitas K7, etc. Após a primeira ida a campo, o pesquisador faz as análises dos dados obtidos, reelabora o roteiro de entrevistas para retornar ao campo. Dessa forma, as pressuposições iniciais do pesquisador ou até mesmo o problema da pesquisa são passíveis de modificação no decorrer do processo de investigação. Esta pesquisa segue, portanto, os caminhos da abordagem Interpretativa, calcada nas Teorias da Ação, pois se concentra em nível micro da vida social, ou seja, nos modos pelos quais os indivíduos são capazes de interagirem uns com os outros.

Seguindo essa abordagem interpretativa, convém fazer uma colocação proposta por Woortmann & Woortmann (1997) em que a pesquisa tem, pelo menos, duas etapas de trabalho de campo, sendo que a primeira consiste em uma “viagem de reconhecimento”, onde se pode percorrer a comunidade e estabelecer os primeiros contatos com a população local, realizar o recolhimento de dados secundários e estabelecer contatos com o governo local, lideranças, entre outros. A partir dos dados coletados na primeira etapa, torna-se possível elaborar um novo roteiro de entrevistas, desta vez mais prolongadas, de forma a permitir o convívio com as famílias de camponeses da comunidade-alvo. Esse convívio deverá abrir caminho para a percepção de valores, chamando a atenção para categorias de pensamento e ação, a serem exploradas nas entrevistas.

Em pesquisas desta natureza é possível coletar dados ricos em pormenores descritivos sobre as pessoas, objetivando estimar o fenômeno em toda sua complexidade e em contexto natural. Dessa forma, privilegia-se a compreensão sobre os significados que os acontecimentos têm para os sujeitos da investigação, enfatizando-se a importância da

interação simbólica e da cultura para a compreensão do todo (Bogdan & Bicklen, 1994; Godoy, 1995).

Para Portela (2004), outros cuidados devem ser tomados para que uma pesquisa chegue a seu termo e seja aceita nos meios científicos, a exemplo da correção e adaptação dos instrumentos de pesquisa durante todo o processo, intervenção, através de instrumentação para a obtenção de resultados mais confiáveis, e manuseio de forma responsável de objetos e acontecimentos, entre outros.

Buscando-se uma excelência em pesquisa, o pesquisador deve levar em consideração as possíveis dificuldades a serem enfrentadas ao desenvolver a pesquisa. Nesse particular, sua experiência e maturidade são fatores determinantes para que a pesquisa seja bem-sucedida.

Além da consciência do papel do pesquisador frente às exigências do projeto, deve-se buscar o controle da subjetividade, levando os sujeitos a expressarem livremente suas opiniões, respeitando os valores e responsabilidades do pesquisador para consigo e para com a sua profissão, fazendo interpretações através de um esquema conceitual, respeitando a expressão de opiniões, crenças, atitudes e preconceitos, etc. (Portela, 2004).

Para que fosse possível descrever as comunidades enfocadas, examinando-as em profundidade da forma mais detalhada possível, utilizou-se o método de estudo de caso (Bogdan & Bicklen, 1994; Babbie, 1999; Laville & Dionne, 1999). Porém, os objetivos da pesquisa de compreender percepções e significados dos produtores rurais em relação à natureza, levaram à adoção da pesquisa etnográfica, que permite, segundo Zaluar (1986), que o “nativo” deixe-se pensar pela lógica simbólica de seus mitos e de sua linguagem, enquanto ensina ao observador as coisas do seu mundo simbólico e social.

Dessa maneira, seguiu-se os caminhos da Abordagem Interpretativa realizando-se a pesquisa em duas etapas de trabalho de campo: a coleta inicial de informações ou “viagem de reconhecimento” e a coleta de dados propriamente dita, realizada com um roteiro de entrevistas já adequado às informações obtidas na viagem de reconhecimento (Woortmann & Woortmann, 1997; Alencar, 1999).

### **3.3. Técnicas utilizadas em Diagnósticos Rápidos Participativos: a caminhada transversal**

O Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) pode ser interpretado como uma tentativa de minimizar as limitações das ciências sociais em relação ao conhecimento da realidade, especialmente, quando envolve a realidade sócio-econômica e cultural de classes populares ou de grupos sociais excluídos ou pouco inseridos na sociedade contemporânea. Seu uso, segundo Alencar e Gomes (2001), visa sanar problemas graves nas áreas de pesquisa, difusão de tecnologias e planejamento de projetos de desenvolvimento rural, aumentando a eficiência da intervenção técnica onde desníveis sócio-culturais impossibilitam uma relação adequada entre produção científica e o saber-fazer dos agricultores. Para esses autores, o DRP é usado para conhecer, avaliar, e planejar idéias, problemas, oportunidades, obstáculos locais e desenvolvimento regional, entre outros.

Dentro dessa concepção, o princípio básico do DRP consiste em que, para se obter informações mais próximas da realidade, é necessário promover a interação entre agricultores e técnicos, num processo de comunicação racionalmente construído para tal fim. A idéia é promover debates entre os informantes, expor em grupo os interesses opostos, desmistificar o assistencialismo como solução de problemas, qualificar em grupo

as responsabilidades e suas dimensões e ordenar as prioridades, caracterizar as condições ambientais e produtivas, entre outras potencialidades (Alencar e Gomes, 2001).

Os pesquisadores quando buscam apreender aspectos subjetivos da vida de um determinado grupo social precisam ter certos cuidados em relação ao próprio comportamento em campo (Gomes e Vilela, 2004). A humildade e a clareza na exposição dos objetivos do DRP e a elaboração de um roteiro de tópicos sobre o que se pretende levantar são fundamentais. Um desses aspectos está relacionado à ampla capacidade para ouvir antes de falar. Esse fato remete, a atribuir um valor menor à forma com que o pesquisador interpreta a realidade, privilegiando, sem induções, a construção de um interpretação conjunta da realidade do grupo pesquisado (Gomes, Souza e Carvalho, 2001; Alencar e Gomes, 2001). A paciência é fundamental, pois nenhuma idéia apresentada pelo grupo social estudado deve ser descartada, ao contrário, deve-se explorar ao máximo cada informação, questionando-se sobre como, por que, onde e quando os fatos de que se está tratando aconteceram.

No DRP dispõem-se de técnicas individuais e coletivas. Entre as técnicas individuais mais utilizadas podem-se citar: entrevista semi-estruturada, “entra e sai”, matriz de qualificação, calendário sazonal, rotina diária e a caminhada transversal. Entre as técnicas coletivas citam-se: eleição de prioridades, realidade / desejo, Diagrama de Venn (“Jogo das Bolas) e mapeamento histórico (Gomes, Souza e Carvalho, 2001).

Como o foco deste artigo é a técnica individual da caminhada transversal torna-se necessário conceituá-la. A caminhada transversal consiste em percorrer uma determinada propriedade, bairro ou comunidade rural, acompanhado de um informante (preferencialmente uma pessoa do local e que conheça bem a região), observando todo o agroecossistema. Todo o percurso é representado através de esquemas pelo “anotador” que, além de estar atento à “paisagem”, deve estar indagando ao informante sobre questões pertinentes àquele local, como, por exemplo, forma de ocupação, posse da terra, problemas ambientais, situação do passado, realidade presente, perspectivas futuras e etc. São estas informações que ajudarão a compor os esquemas, facilitando o entendimento das questões que o pesquisador está buscando compreender (Alencar e Gomes, 2001).

#### **4. TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS E CONTEXTOS VIVIDOS: DISCUTINDO POSSIBILIDADES DE ADEQUAÇÃO**

O caso descrito a partir deste tópico foi vivenciado por uma pesquisadora que realizara um estudo sobre o uso dos recursos naturais pelos produtores rurais que moram nas proximidades da nascente do rio Grande, no município de Bocaina de Minas, sul de Minas Gerais.

Em viagens ao município a pesquisadora percebeu que determinadas práticas comumente utilizadas por produtores rurais do município, como por exemplo, preparo do solo com fogo, aragem mecânica do solo em terrenos muito íngremes etc., eram proibidas, por serem consideradas crimes ambientais. Esta constatação tinha a sua importância aumentada pelo fato de que as comunidades pesquisadas situam-se na zona limítrofe da primeira Unidade de Conservação do Brasil – o Parque Nacional de Itatiaia, que por sua vez integra a Área de Proteção Ambiental (APA) da Mantiqueira, o que implica em maiores restrições ao uso dos recursos naturais pelos produtores rurais.

Considerando as legislações que incidem sobre as propriedades rurais, em especial o Código Florestal Brasileiro e a Lei do Sistema Brasileiro de Unidades de Conservação, no caso deste estudo, observa-se que esses agricultores não podem produzir praticamente em parte alguma de suas propriedades, pois nessa região, o que não é beira de rio ou córrego é terreno íngreme. Praticamente todas suas áreas estão dentro do que o Código Florestal define como Áreas de Preservação Permanente, fato esse que acaba se agravando por conta das normas e regulamentos que vigoram acerca das unidades de conservação.

A partir disso, algumas questões passaram a intrigar a pesquisadora: “por que esses produtores agem assim? Qual a lógica de gestão e uso dos recursos naturais adotada por eles?” “Se a legislação os proíbe de utilizar essas áreas para plantio e criação de gado, onde eles vão produzir o seu sustento?”

Desses questionamentos partiu-se para uma pesquisa bibliográfica com intuito de conhecer outros estudos que englobavam os seguintes temas: relação estabelecida entre os seres humanos e a natureza (Diegues, 2001; Gomez-Pompa e Kauss, 2000), agricultura familiar (Heredia, 1979), populações tradicionais (Toledo, 1996; Diegues, 2000), campesinato (Cândido, 1975; Chayanov, 1974), legislação ambiental (Brito, 2000; Bressan, 1996; MMA, 2003; CNUMAD, 2001; SNUC Brasil, 2000), gestão e uso de recursos naturais por populações tradicionais (Diegues, 2000; Dayrell, 1998, Posey, 1996), além da busca por metodologias que dessem conta da complexidade do fenômeno a ser pesquisado.

#### **4.1. A metodologia qualitativa, o método e as técnicas utilizadas para a coleta de dados**

Como as informações buscadas partiam do universo subjetivo e profundidade simbólica dos agricultores, no sentido de relacionarem-se com o modo de vida de um grupo social, suas visões de mundo, crenças e valores, optou-se pela pesquisa de natureza qualitativa, que permite privilegiar a compreensão sobre os significados que os acontecimentos têm para os sujeitos da investigação, enfatizando-se a importância da interação simbólica e da cultura para a compreensão do todo, conforme ressaltam Bogdan & Bicklen (1994) e Godoy (1995).

Na primeira etapa foram estabelecidos os primeiros contatos com a população local e possíveis informantes, além do recolhimento de dados secundários no Parque Nacional de Itatiaia, na Escola Pública local, na Secretaria Paroquial e na Prefeitura de Bocaina de Minas, onde foram realizadas importantes conversas informais com diversos atores, como por exemplo, pesquisadores do Parque Nacional de Itatiaia, funcionários da Escola e o próprio Padre, que tornaram acessível à pesquisadora o conhecimento de lendas e dados históricos do Município e região.

Nesta etapa foi possível conhecer uma família típica da localidade que acabou se tornando fundamental para o desenvolvimento completo da pesquisa, pois foi através dela que a pesquisadora pôde ser apresentada e introduzida nas comunidades-alvo, além de um convívio intenso, que gerou uma relação de carinho, respeito e muito apego entre a pesquisadora e a referida família. Os dados recolhidos e observações foram registrados em caderno de campo, de forma a possibilitar posterior análise e adequação do roteiro de campo que guiaria a realização das entrevistas na segunda etapa, caracterizando a “seqüência circular de pesquisa” (Alencar, 1999).

A partir da viagem de reconhecimento foi possível elaborar um roteiro de entrevistas, desta vez mais prolongadas, de forma a permitir o convívio com as famílias de camponeses das comunidades escolhidas. Esse convívio, como sugerem Woortmann & Woortmann (1997) abre caminho para a percepção de valores, chamando a atenção para categorias de pensamento e ação, a serem exploradas nas entrevistas. É importante explicitar que a primeira viagem às comunidades possibilitou a descoberta de dois grupos sociais distintos: as famílias dos produtores rurais nativos e os “hippies”, como são chamados os membros do segundo grupo social pela comunidade na qual se inserem.

A coleta de dados propriamente dita foi feita a partir de uma combinação de diferentes técnicas: observação não participante, entrevista semi-estruturada, história de vida e caminhada transversal (Queiroz, 1988; Bogdan & Bicklen, 1994; Laville & Dionne, 1999; Alencar, 1999; Alencar & Gomes, 2001).

A técnica de observação não participante, segundo Alencar (1999), permite que o pesquisador esteja presente no local onde o grupo pesquisado desenvolve suas ações, sem, contudo, se fazer passar por membro do grupo. Nesse caso sua pertinência deve-se a algumas especificidades, como por exemplo, a diferença cultural que se mostra como um fator limitante ao completo envolvimento da pesquisadora com o grupo social estudado. Por isso, o informante foi de fundamental importância, uma vez que pôde introduzir a pesquisadora no *locus* do estudo, dispondo-se a revelar os aspectos da vida, valores, costumes, estrutura social e história do grupo.

Na entrevista semi-estruturada, o pesquisador apóia-se em um questionário composto por perguntas abertas, permitindo ao informante explicitar opiniões e argumentos, além de permitir o desdobramento de questões que possibilitem descobertas e a compreensão do fenômeno sob a ótica do informante (Alencar & Gomes, 2001). As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com as diversas famílias seguindo um longo questionário de perguntas abertas para permitir que o informante se expressasse da forma mais espontânea possível, além de facilitar a introdução de outras perguntas que surgem em função da própria conversa.

As histórias de vida foram realizadas com os produtores rurais mais antigos da localidade, ou seja, àqueles que podiam remontar um pouco da história do município e dos modos de vida dos habitantes locais. Para Queiroz (1988), a história de vida se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência adquirida. Enfim, histórias que não são encontradas em livros.

Porém, era prevista a utilização de mais uma técnica de coleta de dados: a caminhada transversal, que configura-se no foco desse artigo.

#### **4.2. De caminhada à cavalgada transversal**

A caminhada transversal é uma das técnicas utilizadas em Diagnóstico Rápido/Rural Participativo (DRP) e consiste em percorrer uma determinada área da unidade de produção, acompanhado de um informante local, observando todo o socioecossistema (Alencar & Gomes, 2001).

A realização da caminhada transversal foi um tanto curiosa, pois como a pesquisadora encontrava-se sozinha em campo para realizar todas as funções (perguntar, observar, anotar, desenhar, gravar as entrevistas em fitas K7 e fotografar) essa técnica acabou ocorrendo de uma maneira bem peculiar e adaptada à situação vivida naquele



contexto. Ao invés de percorrer a propriedade juntamente com o informante, por exemplo, partindo do topo de uma montanha, registrando o ecossistema através de desenhos, fazendo as perguntas pertinentes e etc., o que ocorreu na prática foi uma “cavalgada transversal”.

Na verdade, a pesquisadora, acompanhada de seu informante-chave (membro da família citada anteriormente) percorreu, a cavalo, todo o percurso que liga o vilarejo às duas comunidades escolhidas, o que implica em aproximadamente 30Km. Previa-se que os deslocamentos entre o vilarejo e as comunidades rurais fossem realizados de carro. Entretanto, o carro enguiçou e o conserto demandaria alguns dias. Existia um cronograma a ser cumprido com as entrevistas previstas, as famílias avisadas. Foi então que o informante-chave, com sua simplicidade e experiência sugeriu a saída à cavalo.

Essa cavalgada foi fundamental para os resultados da pesquisa à medida em que o informante-chave levou à pesquisadora a mergulhar nos aspectos culturais, crenças e modos de viver das pessoas daquela localidade. Enquanto os dois cavalgavam acompanhados de cachorros, o informante-chave ia indicando os locais onde aconteceram os mais variados “causos” envolvendo animais silvestres tais como a onça, às vezes envolvendo figuras míticas como o lobisomem, ou mesmo os casos de amor proibido que aconteceram por lá, além de explicar à pesquisadora através dos variados cenários (como por exemplo, aragens morro abaixo em contraposição às áreas aradas com tração animal) suas percepções e conhecimentos acerca do mundo natural.

Esse episódio pode ser interpretado pelo viés de que no momento em que se está realizando um trabalho de campo, apesar da variedade de técnicas e métodos disponíveis, ainda assim, o contexto vivido pelo pesquisador pode ser distinto do planejado, donde abre-se um leque de possibilidades. Isso porque o pesquisador pode lançar mão da criatividade e dos recursos disponíveis no momento do trabalho para adaptar técnicas, recriando-as, ou criando variações derivadas delas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abertura que a Abordagem Interpretativa presta às Ciências Sociais é bastante relevante no que se refere às possibilidades de flexibilização de métodos e técnicas de coleta de dados às situações vividas em campo. Ou seja, o não planejado – o imprevisto – pode se tornar uma descoberta. É importante que os pesquisadores tenham em mente que há essa possibilidade e que ela pode enriquecer o debate sobre metodologia de pesquisa qualitativa.

Acredita-se que os métodos derivados da etnografia são fortes aliados a flexibilidade na ação direta de campo, entretanto, é preciso cuidar para que o pesquisador crie sem romper com a legitimidade do processo de produção do conhecimento científico.

É importante ressaltar que as técnicas da caminhada transversal e da cavalgada transversal não são excludentes entre si. Cada uma acaba tendo os seus próprios objetivos e finalidades a que se propõem. Isto quer dizer que, dependendo dos objetivos do pesquisador e dos recursos de que disporá para a pesquisa de campo, ele pode lançar mão de ambas as técnicas.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Lavras: UFLA, 1999. 125 p.

ALENCAR, E. & GOMES, M. A. O. **Ecoturismo e planejamento social.** Lavras: UFLA/FAEPE, 2001. 103 p.

BABBIE, E. **Métodos de pesquisa de survey.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 519 p.

BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação.** Porto: Porto Ed., 1994. 335 p.

BRESSAN, D. **Gestão Racional da Natureza.** São Paulo: Hucitec, 1996. 111 p.

BRITO, M. C. W. **SNUC: longo caminho trilhado em prol das Unidades de Conservação.** Brasil. Disponível em: <[www.sosmatatlantica.org.br](http://www.sosmatatlantica.org.br)>. Acesso em: 25 set. 2000.

BROSE, Markus (Org.) **Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos.** Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001. 306 p.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.** São Paulo: Duas Cidades, 1975. 3 ed. 284 p.

CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad económica campesina.** Buenos Aires: Nueva Visión, 1974. 341 p.

CNUMAD. **Conferência das Nações Unidas sobre meio ambiente e desenvolvimento: Agenda 21.** Brasília: Senado Federal/Subsecretaria de Edições Técnicas, 2001. 598 p.

DAYRELL, C. A. **Geraizeiros e biodiversidade no nordeste de Minas: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais.** 1998. 188 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Internacional de Andalucia, Andalucia.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada.** 3 ed. São Paulo: Hucitec/NUPAUB/USP, 2001. 169 p.

DIEGUES, A. C. (org.) **Etnoconservação: novos rumos para proteção da natureza nos trópicos.** São Paulo: Hucitec/Nupaub/USP, 2000. 290 p.

FLICK, U., VON KARDORFF, E. & STEINKE, I. (Orgs.) (2000). Was ist qualitative Forschung? Einleitung und Überblick. [O que é pesquisa qualitativa? Uma introdução.]. Em U. Flick, E. von Kardorff & I. Steinke, (Orgs.), *Qualitative Forschung: Ein Handbuch* [Pesquisa qualitativa - um manual] (pp. 13- 29). Reinbek: Rowohlt.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai/jun, 1995.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

- GOMES, M. A. O.; SOUZA, A. V. A.; CARVALHO, R. S. de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) como mitigador de impactos socioeconômicos negativos em empreendimentos agropecuários. In: BROSE, M. **Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001. P. 63-78.
- GOMES, M.A.O.; VILELA, G.F. Uma dimensão subjetiva da participação: o aprendizado como motivação nos processos participativos da extensão rural. In: BROSE, M. **Participação na Extensão Rural – Experiências inovadoras de desenvolvimento local**. Porto Alegre, Tomo Editorial e Participe, 2004, p. 227-244.
- GÓMEZ-POMPA, A.; KAUS, A. Domesticando o mito da natureza selvagem. In: DIEGUES, A. C. (Org.) **Etnoconservação: novos rumos para proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec/Nupaub/USP, 2000. p. 125-148.
- HEREDIA, M. B. A. de. **Morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 164 p.
- LAVILLE, C. & DIONNE, J. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 340 p.
- MAYRING, Ph. *Einführung in die qualitative Sozialforschung* [Introdução à pesquisa social qualitativa]. (5ª ed.). Weinheim: Beltz, 2002.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Atlas, 1996. 271 p.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. MMA. Brasil. Disponível em: <[www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br)>. Acesso em: 20 set. 2000.
- NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades. **Cadernos de pesquisa em administração**, São Paulo. V. 1, nº 3, 2ºsem. 1996
- PORTELA, G.L. Abordagens teórico-metodológicas. **Projeto de Pesquisa no ensino de Letras para o Curso de Formação de Professores da UEFS. 2004**.
- POSEY, D. Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados. In: RIBEIRO, D. (Org.). **Suma etnológica brasileira**. 3. ed. Belém: UPFA, 1997. p. 199-213.
- QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O M. **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988. P. 14-43.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1992.
- TURATO E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, 2005. Jun. 39(3):507-14.

WOORTMANN, E. & WOORTMANN, K. **O trabalho da terra**. Brasília: Editora UNB, 1997. P. 7-17.

SNUC BRASIL. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza**: lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Brasília: MMA/SBF, 2000. 32 p.

TOLEDO, V. M. **La apropiacion campesina de la naturaleza**: un analisis etnoecologico. Mimeo, 1996. 104 p.

ZALUAR, A . A teoria e prática do trabalho de campo. In: CARDOSO, R. **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. P. 107-125.